

AS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES NO APEGI: uma leitura de sua função e de seus efeitos

Ana Lúcia Branco Novo

Maycon Andrade Fraga

Há mais de uma década o uso de indicadores clínicos, sustentados na teoria psicanalítica, vem se consolidando e se mostrando eficiente no acompanhamento de crianças. Elaborado a partir de desdobramentos da Avaliação Psicanalítica aos 3 anos (AP3) (JERUSALINSKY, 2008), o Acompanhamento Psicanalítico em Escolas, Grupos e Instituições (APEGI) é um novo instrumento que propõe uma leitura do processo de constituição subjetiva da criança articulado ao seu desenvolvimento (KUPFER, BERNARDINO & SILVA, 2020).

O APEGI é voltado para crianças entre 4 e 6 anos de idade e está estruturado a partir de cinco eixos teóricos: presença e reconhecimento do sujeito, manifestação diante das normas e posição frente à lei, o brincar e a fantasia, o corpo e a sua imagem e a função do semelhante. Sustentado por estes eixos, o instrumento é composto por entrevistas com os pais, com o professor da criança, observação da criança individualmente e em grupo (KUPFER, BERNARDINO & SILVA, 2020).

É importante ressaltar que o APEGI não é um instrumento diagnóstico e um de seus diferenciais, em função de sua aplicabilidade em diferentes cenários, é a entrevista com o professor, personagem que assim como os pais, além de fornecer o texto sobre o que acredita se passar com a criança, encarna o representante do Outro para a criança.

Durante a validação do APEGI, que aconteceu em algumas escolas municipais de São Paulo, entre os anos de 2017 e 2019, nos deparamos com os conteúdos divergentes advindos das falas dos pais e dos professores sobre a mesma criança. Instigados, questões foram suscitadas a respeito da possibilidade de se entrevistar o professor.

Assim, o presente trabalho refere-se a um recorte da pesquisa de validação do APEGI, que pretende discutir a relevância do olhar e do discurso do professor para a constituição subjetiva e para o desenvolvimento das crianças, a partir de uma cena de entrevista com uma professora sobre dois de seus alunos, André e Otávio.

André e Otávio tinham 4 anos na época das entrevistas. Eles foram sorteados para participarem da pesquisa e, por coincidência, eram da mesma sala em um Centro de Educação Infantil (CEI).

As entrevistas do APEGI seguiram a seguinte sequência: responsáveis por Otávio e entrevista com o garoto sozinho; responsáveis por André e entrevista com ele sozinho; entrevista com professora (que chamaremos aqui de Leila) e observação em grupo com André, Otávio e outras crianças de sua classe. Destacaremos a seguir os momentos das entrevistas com a professora e a observação do grupo de crianças.

Iniciamos a entrevista com Leila sobre André. A questionamos livremente sobre o que ela nos poderia contar, ela diz que André é muito mimado, a ponto de entrar na creche com chupeta e carregado no colo pela mãe.

Com relação às brincadeiras e preferências, a professora apenas comenta que “*dinossauro é a vida dele*”, indicando os objetos que o aluno prefere brincar, mas sem mencionar de que maneira brinca.

Em seguida, Leila relata que o amigo inseparável de André é Otávio, “*mas ele [André] interage com outras crianças*”, são uma “*dupla dinâmica, tipo Batman e Robin*”; e em alguns momentos André e Otávio imitam um ao outro. Com base nessas informações, perguntamos à professora o que André faz quando Otávio falta à escola. Ela, prontamente, responde que ele busca um par, um outro colega para formar uma dupla.

A respeito dos limites e regras, a professora se sente desafiada e, muitas vezes, André transgredir os combinados. Por vezes, é preciso colocá-lo de castigo ou ameaçá-lo para obedecer. André chega a agredir a professora quando contrariado, não consegue esperar facilmente o que é proposto e transforma o combinado em algo que seja melhor para ele.

Iniciamos a entrevista sobre Otávio. Também propondo uma associação livre, Leila diz, com ênfase, que ele é “*muito teimoso*” e “*tem personalidade forte*”. Em seguida, completa afirmando que “*Otávio é igual a André*”, só que menos carinhoso, e diz “*tudo o que se aplica a um vale para o outro*”. A fala de Leila nos causou espanto e fizemos uma intervenção, pedindo para que a professora esclarecesse o que quis dizer com “*tudo o que se aplica a um vale para o outro*”. A professora logo respondeu que “*a diferença é que Otávio não gosta de ser contrariado*”.

Quanto às brincadeiras, Leila menciona que Otávio gosta de brincar de correr e que, comumente, gosta de brincar com André e Pedro, pois costuma procurar crianças *iguais* a ele, que são agitadas e não respeitam os limites. Leila diz que Otávio não imita outros colegas,

todavia, anteriormente, na entrevista de André, afirmou que os garotos costumavam imitar um ao outro.

Por fim, no que diz respeito aos limites, a professora sente que sua palavra tem pouco peso para Otávio, visto que, diante das regras, ele não gosta de ser contrariado, fica nervoso, tenta agredir, arremessa objetos e brinquedos em Leila.

Encerramos a entrevista e partimos para o grupo de crianças, onde notamos que André indicava uma preferência por estar com Otávio, mas também era capaz de brincar com Pedro. Otávio tentou várias vezes ficar ao lado de André, convocava-o com considerável frequência, acompanhando-o em suas brincadeiras e atos, inclusive o nomeia de primo, apesar de não o serem. Otávio também acompanhou Pedro e brincaram juntos por um breve momento. Nas vezes em que André não respondia seu chamado, Otávio ficava sozinho ordenando os brinquedos. Ressaltamos que uma atitude parecida de Otávio apareceu em sua entrevista individual, o garoto, por vezes, chamava por André e esperava sua aparição na sala.

Ainda no grupo, uma interessante cena ocorreu quando mostramos um espelho que estava na caixa de brinquedos para Otávio e o perguntamos: “Quem é?”. Ao ver sua imagem refletida, Otávio nomeou-se na terceira pessoa dizendo seu nome; em seguida, André, que estava ao lado, viu a cena e também respondeu: “*é o Otávio*”. Perguntamos, posteriormente, para Otávio “*quem é o Otávio?*” e o garoto responde: “*eu*”.

A fala de André, ao responder uma pergunta que havia sido dirigida a Otávio sobre de quem era a imagem refletida no espelho, sinalizou que a questão poderia ter sido tomada para dois destinatários, ou, nas palavras da professora, “*tudo o que se aplica a um vale para o outro*”. Ao serem tomados em conjunto, respondem em conjunto.

Quando Leila os referencia como “*cúmplices*”, “*dupla dinâmica*”, “*Batman e Robin*”, nota-se que um mecanismo de identificação opera nessa dinâmica e é legitimado pela professora nos momentos em que não os diferencia claramente e valida a conjunção das crianças.

Se as experiências com os semelhantes podem favorecer um rompimento da ilusão identitária especular de que poderiam ser idênticos ao eu-ideal, ou seja, todo potente, contrariamente, André e Otávio se unem, desautorizando a professora e transgredindo as regras. Podemos notar que existe um consentimento da professora diante dessa união e que, para ela, parece ser difícil considerá-los sem a lente da dupla.

Ainda que apenas uma entrevista seja limitada no que concerne a uma análise de um recorte clínico, ousaremos especular que a conjunção da dupla opera em uma vertente alienante, mas que requererá uma disjunção, que decorrerá da singularização, para que, no momento de

ver sua imagem refletida no espelho, Otávio possa se nomear enquanto alguém só, sem a intrusão de André enquanto outro que vem fazê-lo por ele. Tal movimento dependerá, também, das palavras de Leila, que precisará tomá-los enquanto sujeitos singulares e propiciar outros tipos de relações com os semelhantes, favorecendo, por conseguinte, o curso da subjetividade de cada um.

Vale ressaltar que estar atento a relação entre pares nem sempre é simples, já que este olhar não está contemplado nas obrigações do fazer pedagógico. E nem poderia sê-lo, pois entendemos que esse olhar também é parte de uma posição subjetiva, e por isso não pode ser meramente aprendido ou fazer parte um conhecimento adquirido no processo de formação dos professores.

Bastos (2020) fala sobre o professor bem posicionado em relação ao seu saber-fazer pedagógico, sendo este aquele que estabelece “uma posição de enfrentamento da impossibilidade respondendo com o possível do seu ato educativo e não com a impotência do ato pedagógico e isso implica uma mudança de posição subjetiva diante do saber” (p. 55). Desse modo, podemos pensar que estar bem posicionado também engloba o cuidado com a relação entre pares, sabendo mediar o enlace entre alunos, assim como se retirar de cena para que outras crianças possam entrar.

Nessa perspectiva, ao entrevistar o professor por meio do APEGI, abre-se um espaço para este possa falar de sua experiência, fazer questionamentos e reflexões. Assim, notamos um acréscimo no alcance do APEGI: este poderá fornecer subsídios norteadores com o potencial de o psicanalista poder realizar pequenas intervenções na direção de confrontar o professor com a sua própria fala e, colocá-lo diante de um esclarecimento frente ao que acabou de dizer (LACAN, 1998), numa tentativa de provocar um novo engendramento de significantes e a produção de um saber próprio sobre sua prática e sobre seus alunos.

Portanto, conclui-se que a entrevista com os professores tem uma função suplementar à entrevista com os pais, pois vai além do que os pais possam relatar, e traz uma perspectiva da criança de fora da família, que transcende o individual e adentra nos laços sociais.

O que circula na fala e no ambiente escolar não é sem efeitos para as crianças, as marcas provocadas pelas palavras dos professores deixam rastros que são possíveis de serem escutados e captados pelo APEGI, como pudemos acompanhar na vinheta dos garotos André e Otávio. Portanto, validar o APEGI, é sobretudo, inserir a psicanálise na pólis e chamar a atenção dos profissionais que trabalham na saúde pública e na educação infantil para considerarem a singularidade e a subjetividade de cada criança.

REFERÊNCIAS

BASTOS, M. B. O saber-fazer do professor-sujeito como condição da Aprendizagem Terapêutica. In: **Práticas Inclusivas II** - Desafios para o ensino e a aprendizagem do aluno-sujeito. São Paulo: Escuta, 2020. p. 51-68.

JERUSALINSKY, A. Considerações acerca da Avaliação Psicanalítica de Crianças de Três Anos – AP3. In: LERNER, R.; KUPFER, M. C. (org.). **Psicanálise com crianças**: clínica e pesquisa. São Paulo: Escuta, 2008. p. 117-136.

KUPFER, M. C.; BERNARDINO, L. M.; SILVA, D. Resultados finais da pesquisa APEGI: (acompanhamento psicanalítico De crianças em escolas, grupos e Instituições). **Revista da FAEBA** - Educação e Contemporaneidade, v. 29, n. 60, p. 176-190, 31 dez. 2020.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: Lacan, J. **Escritos** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 591-652. (Trabalho original publicado em 1958).